

“Cada Louco Traz em Si o Seu Mundo”: Loucura e Sociedade na obra de Lima Barreto

“Every Crazy Brings its World”: Madness and Society in the work of Lima Barreto

“Cada Loca Trae su Mundo”: Locura y Sociedad en la obra de Lima Barreto

Recebido: 18/11/2020 | Revisado: 21/11/2020 | Aceito: 25/11/2020 | Publicado: 29/11/2020

Ajanayr Michelly Sobral Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8727-1871>

Instituto Histórico de Campina Grande, Brasil

E-mail: mimysobral@gmail.com

Francisca Kelly Gomes Cristovam

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4649-4988>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil

E-mail: kellycristovam@gmail.com

Dina Mara Pinheiro Dantas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8704-0675>

Laboratório de Pesquisa Multimeios FACED, Brasil

Email: dinamara@gmail.com

Ivone Agra Brandão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1421-6227>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: ivoneagra@yahoo.com.br

Maria Jucineide Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9160-4429>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil

E-mail: jucyharaujo@gmail.com

Simone Zeferino Pê

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7710-8026>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil

E-mail: simone.zpe23@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo analisar as representações da loucura na obra "Cemitério dos Vivos" e "Diário Íntimo" do autor Lima Barreto, provenientes de suas

memórias no período vivenciado no hospício. Analisando a obra, percebemos que o autor constrói outra imagem da loucura, em que escreve histórias de gestos e sentimentos. Na obra, Lima Barreto desvela os domínios do hospício, espaço social e moral de exclusão, ao criticar o sistema carcerário. Para tanto, rompe com o silêncio em torno da loucura, ao tornar visível o lado sombrio e silencioso do mundo dos loucos. Utilizamos os conceitos de representação, do autor Roger Chartier, para interpretação dos aspectos relativos à loucura. Para tanto, nos valem de concepções teóricas e metodológicas de pesquisas autobiográficas a partir das análises de Branchot e Albuquerque Júnior, e para perscrutarmos as conexões dos personagens com aspectos da vida pessoal e profissional desse autor utilizando as escrita de si, de contribuição da autora Ângela Gomes. Destacou-se, por fim, a contextualização da construção histórica da loucura ao destacarmos a contribuição de Michel Foucault.

Palavras-chave: Memórias; Lima Barreto; Representação.

Abstract

This work aims to analyze the representations of madness in the work "Cemitério dos Vivos" and "Diário Íntimo" by the author Lima Barreto, from his memories during the period spent in the hospice. Analyzing the work, we realize that the author builds another image of madness, in which he writes stories of gestures and feelings. In the work, Lima Barreto unveils the domains of the hospice, social and moral space of exclusion, by criticizing the prison system. To do so, he breaks the silence around madness, by making the dark and silent side of the world of madmen visible, we use the concepts of representation, by author Roger Chartier, to interpret aspects related to madness. Therefore, we use theoretical and methodological concepts of autobiographical research to from Branchot's analysis and Albuquerque Júnior, and to examine the connections of the characters with aspects of this author's personal and professional life using the writings of himself, contributed by the author Ângela Gomes, in order to examine the connections of the characters with aspects of this author's personal and professional life. historical construction of madness by highlighting the contribution of Michel Foucault.

Keywords: Memories; Lima Barreto; Representation.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las representaciones de la locura en la obra "Cemitério dos Vivos" y "Diário Íntimo" del autor Lima Barreto, a partir de sus recuerdos durante el período que vivió en el hospicio. Analizando la obra, nos damos cuenta de que el

autor construye otra imagen de locura, en la que escribe relatos de gestos y sentimientos. En la obra, Lima Barreto desvela los dominios del hospicio, un espacio social y moral de exclusión, criticando el sistema penitenciario. Para ello, rompe el silencio en torno a la locura, haciendo el lado oscuro y silencioso del mundo loco es visible, utilizamos los conceptos de representación, del autor Roger Chartier, para interpretar los aspectos relacionados con la locura. Para ello, utilizamos conceptos teóricos y metodológicos de investigación autobiográfica basados en Branchot y Albuquerque Júnior, y examinar las conexiones de los personajes con aspectos de la vida personal y profesional de este autor utilizando de la autora Ângela Gomes. Finalmente, se destacó la contextualización de la construcción histórica de la locura destacando la contribución de Michel Foucault.

Palabras clave: Recuerdos; Lima Barreto; Representación.

1. Introdução

Este estudo¹ tem como objeto a representação da loucura na obra de Lima Barreto, proveniente de suas reflexões realizadas a partir das experiências vivenciadas pela convivência familiar, com o surto de *desrazão* do pai e pela própria debilidade que o levou a internação, algumas vezes, ao hospício. Neste período, Lima Barreto escreve histórias de gestos, ações e sentimentos humanos que fazem do louco um desconhecido em relação a si mesmo e em relação à sociedade.

Desta forma, nosso objetivo é compreender como se efetivou uma representação da loucura na obra de Lima Barreto, expressas em opiniões nas crônicas jornalísticas e através das suas personagens em obras ficcionais, como também identificar os elementos presentes na sociedade brasileira, do início do século XX, que determinavam o reconhecimento da loucura proporcionada pelas instituições sociais de assistência aos considerados loucos e perscrutar as representações que a ciência construiu no período de vida do autor para imputar o código de sanidade ou loucura sobre os indivíduos.

Lima Barreto pode ser considerado como um escritor que denunciou as injustiças sociais de sua época, utilizando da literatura como um meio de deblaterar. Também era por meio dela que ele procurava se afirmar como escritor e intelectual. Através das análises das personagens presentes em suas obras, propomos realizar uma produção de conhecimento que

¹ Recorte do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica – Pibic – 2009-2010 – pela Universidade Estadual da Paraíba, em que se consistiu em analisar as situações vivenciadas pelo escritor Lima Barreto, que o fizeram tomar posições com relação ao período em que esteve internado no Hospício. Essa pesquisa teve como integrante Ajanayr Michelly S. Santana, coordenado pelo professor Jomar Ricardo da Silva.

contribua para o estudo da representação sobre a loucura na sociedade brasileira no início do século XX.

Nessa perspectiva vamos esquadrihar a obra de Lima Barreto. Ele que, através das suas passagens em hospícios, suscitou outras experiências possíveis com relação à loucura. Nas suas obras falou sobre de si, ao trazer para os espaços da literatura seus sentimentos, expressões e visões de mundo. Esse autor fez de suas palavras um instrumento de diálogo possível, em que instaurou outro real e outra concepção com relação à loucura e ao louco.

Para realizarmos uma interpretação dos aspectos relativos à relação da sociedade com a loucura, vamos utilizar os conceitos de representação e de configuração. Para tanto, as representações, considerada pelas análises de Chartier (1990) como uma realidade produzida pela subjetividade dos indivíduos, são relações sociais possuidoras de materialidade tão concreta quanto “os dados materiais, físicos, corporais, percebidos na imediatez da experiência sensível” (Chartier, 1994, p.7).

Desse modo, as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de uma análise fundada na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam a seu favor. Esse mesmo autor ressalta que para a ‘história ciência social’ “os indivíduos estão sempre ligados por dependências recíprocas, percebidas ou invisíveis, que moldam e estruturam sua personalidade e definem, em suas modalidades sucessivas, as formas da afetividade e da nacionalidade.” (Chartier, 1994, p.7).

Dessa forma, podemos então demonstrar o conceito de representação, que são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real, que permitem a reconstrução de um dado momento histórico através da utilização de representações como fonte histórica.

Em relação à configuração, na concepção de Norbert Elias (1970), as pessoas vivem uma relação de interdependência, o que nos reporta à expressão de relações que nos leva, de imediato, a encarar o círculo familiar, de amizade, de trabalho, do lugar onde se vive. Com isso temos o registro de que a representação das relações sociais presentes nas obras de Lima Barreto, na sua experiência no hospício, leva-nos a relação existente entre sociedade e indivíduo, forjada por uma rede de interdependências de conflitos, que para se reproduzir supõe “um entrançado flexível de tensões”.

Então, a tarefa é “saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si, constituindo, assim, figurações dinâmicas específicas. Só é possível a pista de uma resposta para tal questão se determinar as interdependências entre indivíduos” (Elias, 2001 a, p.213-214).

2. Metodologia

Para analisarmos as representações da loucura, no início do século XX, a metodologia utilizada foi a de investigar a obra de Lima Barreto como fonte histórica. Para tanto, tornou-se necessário perceber as mudanças ocorridas nas esferas da sensibilidade e do comportamento, que naquele momento se estruturava sob duas tendências: a formação do Estado, responsável pela pacificação da esfera social, oriunda do monopólio da força, e o controle das emoções e dos afetos que emanam da intensificação das relações interindividuais (Chartier, 1990, p.109).

A literatura pode ser considerada um documento histórico, passível de interpretação e análise, vista como uma versão de determinado fato ou momento, que depende da visão do autor que a produziu. Destarte, entende-se que a literatura constitui uma espécie de consciência social do contexto no qual se origina e com o qual mantém intensas e complexas ligações, que serão únicas em cada obra e constituirão a feição particular de todas elas. Isso pode ser possível devido às (re) definições no campo da História nas últimas décadas, em que os/as pesquisadores/as lançaram um novo olhar para as fontes, com novas documentações, com os avanços nas análises de fontes e metodologias, que eram até então pouco visitadas ou revisitadas por historiadores/as, que passaram a ganhar visibilidade nas pesquisas históricas com a “Nova” História Cultural.

Novas documentações, como por exemplo, os processos-crimes, as fontes literárias, as crônicas, as memórias, as correspondências, as jornalísticas e os materiais iconográficos, vêm sendo utilizadas de maneira inovadora. Segundo Sônia Maria de Freitas (2006), “a Nova História foi um importante movimento que contribuiu para as mudanças dos procedimentos na pesquisa, no uso das fontes para se reconstruir a História” (Freitas, 2006, p. 42-43).

Assim, como suporte metodológico para analisar a obra de Lima Barreto, consideramos relevantes como fonte de pesquisa para analisarmos as intencionalidades de escrever sobre suas biografias de vida, no período em que esteve internado no hospício, as análises das escritas de si com as contribuições da autora Ângela Gomes (2004) e das autobiografias, observadas por Albuquerque Júnior (2012b), para sintetizarmos a importância dos significados dessa vivência para o escritor, através de suas lembranças no *Diário Íntimo* (1956), em que inventariou fatos, se emocionou e reviveu os tempos considerados sombrios naquele espaço de silêncio, e outras questões relevantes que se fizeram necessárias para a narrativa.

Desta forma, como método de procedimento para se chegar ao objetivo determinado, que dada às peculiaridades dessa obra e da vida do escritor, buscamos no método indiciário.

Segundo Ginzburg (1989, p.144), desde a segunda metade do século XIX estava posto um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. O método era utilizado na perícia de obras de arte, com intuito de diferenciar as legítimas das falsas, investigando aspectos aparentemente irrelevantes de um quadro, e menos influenciados pelas características da escola a que o autor pertencia.

Ginzburg (1989, p. 147) estabelece uma comparação desse método de Morelli com o da psicanálise e com o que era atribuído a Sherlock Holmes, personagem das histórias criadas por Arthur Conan Doyle²: “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (Wind *apud* Ginzburg, p.145). Freud reconheceu as semelhanças dos métodos: “Creio que o seu método está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos poucos notados ou despercebidos, dos detritos ou ‘resíduos’ da observação”³ (Freud, 1954, p.95). Assim aplica-se o método indutivo que demonstra ser mais adequado porque este autor possui princípios e ideias, disseminadas na sua obra, sobre os aspectos referentes à sua vida, e demonstra proposições particulares sobre o louco e seus hábitos.

Para tanto, conforme o recorte desta pesquisa nos deterá nessas obras de Lima Barreto, onde se refere à situação do louco na sociedade brasileira, através das observações do autor, em que teceu comentários sobre sua vida e suas lembranças no hospício e as injustiças sociais sofridas pelos internos. *Cemitério dos Vivos* (1956) é um romance publicado postumamente, em que retrata a vida pessoal de Vicente Mascarenhas, com suas passagens pelo hospício, sua vida doméstica e o casamento com Efigênia. Possui um caráter autobiográfico, na medida em que Lima Barreto fala da sua vida através da sua personagem, narrando às experiências vivenciadas no período em que esteve no manicômio. Temos, ainda, o *Diário Intimo* que retratou as memórias e observações do escritor.

Utilizando a obra de Lima Barreto como fonte de conhecimento histórico, faz-se necessário um esboço da vida do escritor, que ressalte aspectos relevantes de sua trajetória de vida, bem como suas ideias, para entendemos a construção da loucura em sua obra. Para tanto, realizamos um quadro panorâmico da sociedade, no final do século XIX e início do

² Arthur Conan Doyle nasceu na Escócia em 1859 numa família de artistas e literatos. Desde cedo apreciou a literatura, mostrando interesse pela obra Edgar Allan Poe. Na universidade em que estudou medicina conheceu Joseph Ball que muito iria lhe influenciar a carreira de escritor, por tratar os doentes através de observações detalhadas das doenças. Na década de 1920 passou a ministrar conferências sobre o espiritismo. Faleceu em 1930.

³ Tradução livre do autor.

século XX, período em que viveu o escritor, em seus aspectos socioeconômicos, políticos e culturais.

Porque traçar um perfil de Lima Barreto torna-se importante do ponto de vista historiográfico? Lima Barreto foi um escritor de seu tempo, em que dedicou boa parte de sua vida a registrar em forma de escritos, tais como crônicas, romances, diário íntimo, artigos jornalístico, sua maneira de entender e ver a sociedade carioca. Tais escritos o transformaram em “porta voz” dos habitantes afrodescendentes.

Como exímio observador de seu tempo recuperou, através de seus personagens, a humanidade esquecida pela fluidez da notícia e da literatura comercial. Empenhou-se na literatura militante, responsável, sincera e engajada socialmente. Falou dos sujeitos comuns e do seu cotidiano, negando o emblema: “literatura sorriso da sociedade”. Utilizou o particular para alcançar o social e fez da realidade o fundamento de sua literatura.

Apesar dos obstáculos encontrados, na sua trajetória de vida, não recuou e utilizou da literatura como um instrumento de denúncia:

Lima Barreto foi capaz de construir uma visão sobre a sociedade brasileira do início do século e através dos seus estudos procurou adotar critérios filosóficos e sociais para pensar. Foi capaz ainda de construir um pensamento, uma reflexão, um julgamento sobre a nossa vida urbana e rural, sobre os diferentes tipos da nossa população. Consciente do que significava viver no Rio de Janeiro, desenvolveu ao longo do tempo uma longa e sensível investigação sobre os sonhos, as decepções, os hábitos e os anseios da gente simples de que sempre esteve cercado em seu convívio (Botelho, 1996, p. 52).

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu no dia 08 de maio de 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho de um antigo tipógrafo, João Henrique Lima Barreto, que passou a administrar a Colônia de Alienados da Ilha do Governador – assim, desde muito pequeno teve contato com indivíduos diagnosticados como loucos –, e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade (Barbosa, 2002). Buscou o anel de doutor para realizar o desejo do pai, foi funcionário do Ministério da Guerra, algo que não o satisfazia, e dividiu-se entre o subúrbio– sua geografia simbólica– e os cafés– redutos da boêmia e da intelectualidade carioca. A literatura era o fundamento da sua vida, e para tal, numa de suas crônicas, deu a conhecer a consciência étnica e social que tinha de si mesmo: “Nasci sem dinheiro, mulato e livre” (Barreto, 2004 a, p. 271).

Lima Barreto abordava de forma crítica, nas suas obras, questões ligadas a relações raciais, transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, ao cotidiano urbano e suburbano fluminense. Seus escritos registraram os acontecimentos sociais resultantes das

redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial no continente europeu, alcançando mais tardiamente o Brasil, mas que não deixou de influenciar nas mudanças na vida urbana da sociedade. Por conseguinte, houve desenvolvimento da indústria baseado nas descobertas no setor químico e na eletricidade (Hobsbawm, 1997, p. 70).

Sete anos após o nascimento do escritor foi assinada pela Princesa Isabel a Lei Áurea (1888), abolindo a escravidão no Brasil e proclamada a República (1889). Esses acontecimentos levaram a mudanças significativas na esfera política, econômica e social do povo brasileiro. Pela primeira vez os indivíduos estavam envolvidos com os problemas da cidade e do país. Esta consciência foi proporcionada pelas mudanças ocorridas com o novo regime político. O povo iria participar, direta ou indiretamente, do novo cenário político e social (Carvalho, 2004, p. 16-17).

Lima Barreto acompanhou o desenvolvimento econômico e o crescimento demográfico do Rio de Janeiro, que nesse período, dentre outras cidades, teve a industrialização mais acentuada em função de ser a sede do governo nacional. E a abolição da escravatura, que antes de reparar uma injustiça social, veio trazer outros problemas para o grupo social étnico liberado: o/a negro/a não foi incluso/a na nova ordem social e a propriedade da terra continuou concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Estes preferiram a opção de utilizar a mão de obra estrangeira, proveniente da emigração sob os auspícios do Estado, a aproveitar o contingente de ex-escravos, constituindo, assim, uma massa de pessoas sem trabalho, moradia e educação (Ribeiro, 1995, p. 222), desprovidas das condições necessárias à sobrevivência, ocupando os arrabaldes da cidade, erguendo nos morros as favelas, restando-lhes a miséria e marginalidade.

Os governos dos Marechais foram violentos e repressivos. Havia manifestações nas ruas contra o novo regime. De fato, os indivíduos manifestaram uma reação negativa com relação à República, principalmente os afrodescendentes. A Monarquia atingiu seu ápice de popularidade quando da Abolição da Escravidão (1888), que deu lugar a imensos festejos populares durante dias: “A simpatia popular se dirigia não só a princesa Isabel, mas também a Pedro II” (Carvalho, 2004, p. 29-30).

A simpatia dos/as negros/as pela Monarquia reflete-se na conhecida ojeriza que Lima Barreto, dentro um dos mais populares cronistas do Rio nesse período, alimentava pela República. Neto de escravos, filho de um protegido do visconde de Ouro Preto, o tipógrafo assistiu emocionado, aos sete anos, às comemorações da abolição e às festas promovidas por

ocasião do regresso do imperador de sua viagem à Europa, também em 1888. No relato de Lima Barreto, entendido aqui como coerente por descrever um acontecimento da história do Brasil com significado e carregado de memórias, percebemos a apropriação e a significação dada por ele à Abolição da escravatura, além do entusiasmo, da esperança e de nos apontar para questões que abarcavam o imaginário do período sobre o fato:

Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a “Primeira Missa”, de Vítor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... Houve o barulho de bandas de música, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegorias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estrados para bailes populares (...) (Barreto, 1956, p. 59).

Em contraste viu, no ano seguinte, seu pai, operário da Tipografia Nacional, ser demitido pela política republicana. Assim, cresceu no mulato as primeiras visões negativas com relação ao novo regime, que o levou, conseqüentemente, a escrever sobre as injustiças sociais e acusações daqueles que o mesmo considerou como sendo os responsáveis pelos abandonos da população negra (Carvalho, 2004, p.30).

Seus personagens, execrados socialmente por conta da raça, dos costumes, da posição social e da loucura, como Policarpo Quaresma, Ismênia, Leonardo Flores, Vicente Mascarenhas, o Feiticeiro, o gramático Lobo, Fernando, Gabriel e Hildegrado, foram incumbidos de revelar os valores necessários para o melhoramento do caráter humano e da organização social. Desvelaram, a partir da bizarrice, da excentricidade, da esquisitice e da loucura, a justiça, a bondade, a inteireza de caráter e a solidariedade humana tão almejada pelo escritor.

Para tanto, retratou a cidade do Rio de Janeiro com as suas tensões sociais peculiares ao período dos primeiros vinte anos da República. Com isso, serão analisados o seu personagem que carregou a marca da loucura, Vicente Mascarenhas, onde Lima Barreto questionou os valores da sociedade que condenava os diferentes e os desviantes à loucura.

3. Cemitério dos Vivos: vida e obra de Lima Barreto.

Aqui, no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário, etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a

loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis (Barreto, 1956, p. 76).

A citação que serve de epígrafe a esta pesquisa demonstra a escrita íntima de Lima Barreto, fruto da experiência do autor no hospício Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, entre os dias 25 de dezembro, dia de Natal, 1919 a 02 de fevereiro de 1920, depois de mais um ataque de delírio, provocado pelo excesso de bebida alcoólica. Contudo, essa não foi a primeira vez que tinha ido parar no hospício, em 18 de agosto de 1914, o autor já havia conhecido os horrores dentro desse espaço para loucos.

O escritor foi conduzido ao hospício pela polícia “como um João ninguém sem eira nem beira” (Barbosa, 2002, p.314). Antes de ir para a seção Pinel, a enfermaria dos indigentes, passou pelo pavilhão de observações, e alguns dias depois transferido para a Seção Calmeil, o pavilhão dos pensionistas. Para tanto, relativos ao seu estado clínico têm-se os seguintes registros médicos de sua primeira internação ao manicômio, exposto pelo próprio Lima Barreto em seu livro inacabado:

Nome: Afonso Henriques de Lima Barreto

Idade: 33 anos. Estado civil: solteiro.

Nacionalidade: brasileira. Profissão: empregado público.

Entrada: em 18 de agosto de 1914.

Diagnóstico: alcoolismo.

Inspeção geral: o nosso observado é um indivíduo de boa estatura, de complexão forte, apresentando estigmas de degeneração física. Dentes maus; língua com acentuados tremores fibrilares, assim como nas extremidades digitais (Barreto, 1956, p. 261).

O autor, em entrevista concedida *A Folha* do Rio de Janeiro publicada em 31 de janeiro de 1920, ainda internado, falou sobre a “sua segunda entrada no Hospício Nacional de Alienados, tão vinculada com o *Diário do Hospício e O Cemitério dos Vivos*” (Barreto, 1956,p. 257), ao lhe perguntar o motivo pelo qual foi para o hospício:

(...) Estando um pouco excitado, é natural, por certos abusos, resolveu meu irmão que eu necessitava descanso. E, um belo dia, meteu-me num carro e abalou comigo para cá. Quando verifiquei onde estava, fiquei indignado. Essa indignação, pareceu, então aos homens daqui acesso furioso de loucura e o seu amigo foi, sem mais formalidades, trancafiado num quarto - forte. Aí é que presenciei as cenas mais engraçadas entre todas as que já me têm sido ver (Barreto, 1956, p. 258).

Com relação as suas memórias nesse espaço, manifestou o desejo de publicar *O Cemitério dos Vivos*, contado, ainda para *A Fôlha*, tais pretensões:

Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia *O Cemitério dos Vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto cousas interessantíssimas (Barreto, 1956, p. 258).

Essa obra, juntamente com *Diários de Hospício (1956)* foi reunida em um único livro de memórias inacabado, onde Lima Barreto, tal quais suas pretensões, descreveu a loucura no hospício e as representações da mesma na sociedade brasileira nas suas primeiras décadas do século XX, partindo do “espetáculo do hospício”, descrito como “lugar que condena os sujeitos à morte em vida” (Barreto, 1956). Nessas obras, discorreu também sobre o sistema de tratamento dos doentes no hospício, como um internato destinado a pessoas consideradas loucas. Assim, o escritor elucidou sua visão de mundo, analisando perante vários prismas essa sociedade à qual pertencia, dando ênfase ao atípico, ao louco, como aquele fora de lugar e marginalizado, trazendo esse sujeito e suas experiências no hospício para o primeiro plano da narrativa, vivenciadas por ele através do personagem Vicente Mascarenhas, negligenciado muitas vezes pela literatura oficial da época.

Nada mais fora do lugar do que o próprio Lima Barreto. Mestiço, nascido no subúrbio, que transitava no mundo das letras e da ciência, embora que não teve o reconhecimento que tanto almejou para sua carreira de escritor. Disto, seu personagem foi construído de forma densa, atormentado por um sofrimento profundo e íntimo. No hospício escreveu para atenuar uma culpa que o acompanhava desde a infância, em que buscou na escrita uma possível reparação dessa falta e o reencontro com Efigênia, sua amada, e consigo mesmo. Como Lima Barreto, onde personagem e autor se confundem, procurou nos livros as respostas para suas dores e dificuldades que enfrentou na sociedade. Assim, ambos não se distanciaram das suas próprias trajetórias intelectuais e de vida.

Lima Barreto utilizou sua obra para transpor suas aflições, sentimentos e angústias. Ao adentrar nos domínios do hospício percebeu que:

(...) o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espancar ou reduzir (Barreto, 1956, p. 163).

Por meio dessas experiências vivenciadas no hospício, Lima Barreto relatou, sobre a voz de Mascarenhas, os domínios da loucura, onde o personagem apresentou-se, assim como o autor, marginalizado e estigmatizado e, por fim, tido como louco. Assim sendo, pretendemos demonstrar, a partir da narrativa desse escritor, como a sociedade através de suas instituições, produziram os modelos de insanidade.

Desta forma, como os domínios do hospício foi considerado um espaço social e moral de exclusão, criticou o sistema carcerário dos hospícios pelo modo como tratavam seus internos. Para que isso fosse possível, rompeu com o silêncio em torno da loucura ao tornar visível o lado sombrio, silencioso e sem vida do mundo dos loucos: “Abre-se para nós o mundo estranho e morto do insano” (Foucault, 1984, p. 39).

As posições que Lima Barreto tomou em relação ao mundo da loucura nos levam a discussões a respeito da insanidade como algo controlado socialmente e moralmente. Assim sendo, os segmentos da sociedade se ajustam e formam, juntamente com o discurso da medicina clínica, diferentes representações para o louco, que é transformado num corpo marcado pelo estranhamento, capaz de condutas de transgressão.

É na seção Pinel que Lima Barreto percebeu o lado sombrio da loucura. O hospício foi considerado um lugar de indigentes, desgraçados, alcoólicos, indesejáveis, onde são isolados do convívio com a sociedade, por fugirem aos valores tradicionais determinados no social, que são retirados das ruas como indivíduos considerados loucos, porque não se “inseriram” na sociedade.

A escrita de Lima Barreto sobre os loucos nos foi relevante para pensar sobre a loucura, através de suas observações dentro do hospício. Mas, também, antes de suas experiências no hospício, o escritor foi induzido a pensar concordando com o senso comum com relação aos considerados loucos: como um sujeito hediondo, que foi representado na sociedade brasileira associado à transgressão, desde a segunda metade do século XIX pelo discurso médico. Nas palavras de Lima Barreto, ele pensava que o louco fosse aquele que possuía atitudes consideradas “impropias” na e pela sociedade: “(...) não posso deixar de consignar a singular mania que têm os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus” (Barreto, 1956, p.39).

Assim, através de suas visões sobre o louco, sua obra foi concentrada no cotidiano do hospício, como um lugar destinado a manter silenciosa a loucura. Essa doença será o grande seu enfoque. Com isso, constatamos que a loucura, quando considerada uma doença, foi, desde o surgimento de uma instituição destinada aos loucos, um problema público e um dever político, alimentado pela medicina clínica que instaurou na figura do médico um saber e

poder sobre o indivíduo que o condenou enquanto um corpo doente (Foucault, 2005).

Contudo, o universo do hospício descrito por Lima Barreto foi, contraditoriamente, marcado pelo silêncio e pela completa ausência de vida: “é um horror silencioso que nos apavora (...)” (Barreto, 1956, p. 186). Fora dos domínios do hospício à noção que se tinha, inclusive do próprio escritor, era de que os loucos fossem violentos, rebeldes, agressivos e “o seu delirar em voz alta”. Lima Barreto nos mostrou que, ao contrário, “(...) o horror misterioso da loucura é o silêncio, são as atitudes, as manias mudas dos doidos” (Barreto, 1956, p. 184) (grifos nossos).

Assim, há uma espécie de controle emocional, onde não se procurava curar o louco, mas silenciá-lo, enclausurá-lo. O hospício servia, na sua obra, como espaço de isolamento dos loucos, porque desarrazoados da sociedade. Com isso, essas instituições assistenciais que foram criadas para eles não tinha como pretensões curar o louco, mas a sua exclusão. Nas suas palavras, tem-se a seguinte visão dentro desses muros, o que também se assemelhou ao recôndito familiar: “Aborrece-me este hospício, eu sou bem tratado, mas me falta ar, luz, liberdade... Saí desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa” (Barreto, 1956, p. 81).

Sobre a sua vida privada Lima Barreto considerou o vício do álcool como fator principal, além da doença do pai e as suas frustrações profissionais, motivos que os levaram a sua internação no hospício. Não se julgou um louco, mas “de quando em quando dou sinal de loucura: delírio” (Barreto, 1956, p. 33-34). Desta forma, tinha consciência das consequências que o álcool trouxe para a sua vida bem como dos problemas famílias que enfrentava, que não fugiu dos problemas colocados pelos outros internos: “(...) os loucos me pareciam pouco emotivos, e quase todos eles se queixavam dos seus parentes e das suas mulheres” (Barreto, 1956, p. 96).

Com a sua dor e marginalização ao ser internado no hospício, Lima Barreto contou o sofrimento e a exclusão do outro, em forma de diário íntimo, numa escrita autobiográfica. Diário escrito num momento de provação, provocada pela perda de identidade, diante do poder e vigilância exercidos pela polícia e pela medicina clínica. Com isso, o autor viu negada a sua própria condição de escritor: “Reagiu a sua desagregação do eu, ao escrever um livro com suas experiências no hospício” (Rocha, 2008, p. 03).

Sobre o diário íntimo Blanchot (2005) nos diz que o diário serve para salvar a escrita, para dá sentido a sua vida, pois os:

Pensamentos mais remotos, mais aberrantes, são mantidos no círculo da vida cotidiana

e não devem faltar com a verdade. Disso decorre que a sinceridade representa, para o diário, a exigência que ele deve atingir, mas não deve ultrapassar. Ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia à qual ele limita o cuidado da escrita (Branchot, 2005, p. 270-271).

Desta forma, ao se confundiu com o seu personagem Vicente Mascarenhas, Lima Barreto se representou como aquele outro, em que suas vidas percorreram com o “arrependimento por não ter trilhado o caminho mais fácil para a realização profissional e a frustração por não ter alcançado os seus ideais” (Rocha, 2008, P. 06), pois, a escrita do diário íntimo permitiu ao escritor ter a liberdade de dizer seus sentimentos de modo afetivo àquilo que se quis registrar sobre suas experiências naquele espaço de loucura. Assim, o seu personagem, narrando por ele, procurou nos livros as respostas para suas dores e dificuldades.

O texto autobiográfico de Lima Barreto representou sua trajetória no hospício, onde o autor põe os elementos identitários na tessitura do seu texto. Para se entender uma obra literária, é preciso vê-la como resultado de diversos fatores que ela mantém contato:

A análise estética de um texto literário não ignora os fatores externos à literatura, pois estes também a influenciam sendo eles a realidade humana, psíquica e social da escrita. O que corrobora a ideia de que a literatura está profunda e equivocadamente enraizada na realidade (Linhares, 2006, p. 19).

Assim sendo, Lima Barreto quando ingressou nos domínios da loucura, espaço idealizado pela medicina psiquiátrica de tratamento da loucura para a “cura”, utilizou da literatura para demonstrar o lado sombrio e dramático nos domínios do hospício. Para tanto, o autor de *Cemitério dos Vivos* se valeu de recursos ficcionais, para dar conta da narrativa da sua vida contada por ele mesmo, sem com isso negar a realidade que lhe deu origem. Segundo Linhares (2006, p 25) a escrita autobiográfica é “um desvelamento do sujeito ao mundo, permitindo que se tenha a partir dela, acesso a individualidade do sujeito que se revela”.

Ao escrever Lima Barreto faz uma integração com o mundo, com as palavras e consigo mesmo. “O ato de escrever autobiográfico é incompatível com a morte, escrever implica viver” (apud Linhares, 2006, p. 29-30).

Para tanto, buscando não apenas o seu reconhecimento como escrito, quis tornar público e conhecido o ambiente daquele espaço considerado por ele como de “horror e silêncio”, que tanto o envergonhou e o desmoralizou publicamente. Para isso, Lima Barreto narrando suas interpretações sobre o doente, o anormal, o estanho e o louco, desenhou e traçou um conjunto de termos sobre a loucura, em que não se afastou dos discursos que foram

construídos historicamente sobre o louco, como sendo:

Aquele que vaga pelo universo da racionalidade, aquele que balbucia sons indecifráveis para a tão sábia razão. É a voz trêmula e incomoda aos ouvidos daqueles que se dizem sãos; ele é o sujeito que ameaça a ordem, a normalidade, a sociedade, enfim a vida. O louco é o avesso de nós mesmo, ele é aquele com o qual, não queremos falar, ver, tocar, tampouco, trocar experiências, paixões e desejos (Brito, 2009, p.01).

Michel Foucault, em seu livro *História da Loucura* (2005) contribuiu com as concepções sobre a loucura a partir de construções históricas, que para este autor a loucura “(...) só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isola e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (Foucault, 2006, p. 163). Para tanto, esse autor faz um estudo sobre como a loucura foi internalizada e medicalizada em manicômios. Antes, porém, o louco era internado junto com outros pacientes considerados vadios. Depois disso, a loucura passou a ser negada, escondida, enclausurada com internamentos em asilos. Esses espaços asilares, configurados como lugares destinados aos miseráveis, ociosos e vagabundos, abrigava todos os indesejáveis sociais que, em outros momentos, foram destinados aos indesejáveis da sociedade, representados nas figuras do leproso, passou a abrigar também a figura eminente do louco, dos vagabundos, desempregados, mendigos, ou seja, todas as maldições que habitavam as ruas das grandes cidades naquele momento em final do século XVIII e início do século XIX (Brito, 2009, p. 04).

Desta forma, passando a loucura a ser encarcerada, escondida, tirada dos lugares que pudesse “manchar” a ordem e o brilho das cidades europeias, ela foi, ainda no século XVIII, a ser entendida como uma doença. Assim, a loucura representada inicialmente na literatura e na filosofia, foi conseqüentemente apropriada pelos discursos médicos e higienistas e passada a ser tratada através de internamentos em asilos:

(...) por volta da metade do século XVII, (o louco) foi reconhecido como estranho à sociedade que o havia escorraçado e irreduzível a suas exigências; ele se tornou então, para maior tranquilidade de nosso espírito, o candidato indiferenciado a todas as prisões, a todos os asilos, a todos os castigos (Foucault, 2005, p. 81).

Para tanto, foi também a partir do século XVIII quando da loucura entendida como doença que, como tal, precisava ser tratada através de um aparato científico. Assim, com o surgimento de saberes, como a psicanálise, se atribui à imagem do louco como aquele que não

poderia “conviver” com a razão, transformando-o assim em esse outro estigmatizado pelo discurso médico. Será que a razão ainda não conseguiu desvendar os mistérios da loucura e por isso a silencia? Para Lima Barreto ficaram alguns questionamentos em sua obra em torno do silêncio da loucura que tanto o afligiu durante muitos anos, até a sua morte.

4. Considerações Finais

Os personagens presentes na obra do escritor Lima Barreto contam com características semelhantes de sua vida, onde ficção e experiências pessoais se confundem e tornam os relatos desse autor uma denúncia social, política e existencial nos subúrbios cariocas no contexto histórico, nas duas primeiras décadas do século XX, na qual viveu. Desta forma, suas escritas não fugiram de suas experiências de vida e das suas internações no hospício de alienados.

Antes de ser internado como louco, o escritor já havia se deparado com diversas perseguições devido à cor de sua pele e aos seus posicionamentos, que denunciava a sociedade brasileira como racista e excludente. Vicente Mascarenhas, o protagonista da sua obra *Cemitério dos Vivos*, era um funcionário público, assim como o escritor, que sofreu com o racismo, o preconceito e a discriminação social que os/as negros/as vivenciaram nesse período do pós-emancipação.

Em busca de seu reconhecimento na literatura brasileira, Lima Barreto escreveu romances, cartas, peças de teatro, contos, crônicas, atuando também como jornalista em um momento crucial da história do Brasil, o período após a libertação dos escravos e a proclamação da República. Além da busca pelo reconhecimento, denunciou em forma de escrita à exclusão e a discriminação pelo qual sofria os ex-escravos e seus descendentes, lutando através de suas palavras pela igualdade, inclusão e legítima liberdade dos mesmos.

Para tanto, o escritor fez uma “escrita de si”, chegando mesmo a confundir-se com sua própria história pessoal. Assim, o que lhe afligia e o atormentava foram representados pelos seus próprios personagens e suas obras de ficção ganharam realidade, a exemplo do *O Diário Íntimo e Cemitério dos Vivos*, escritos no período em que esteve internado no Manicômio Nacional, onde transformou e representou a loucura em denúncia social. Morreu em 1922, ainda jovem, aos 42 anos, em vista a complicações provocadas por excesso de bebida alcoólica, de colapso cardíaco, sem o reconhecimento literário que tanto almejou para si.

Assim, como um observador crítico do seu tempo, defensor dos “excluídos” da história oficial, as obras de Lima Barreto oferecem-nos inspirações para que possamos

alcança-los em outras temáticas, a exemplo das relações raciais e de gênero, costurando fios para readaptá-las em outros contextos, trazendo suas produções literárias para outros lugares e tempos. Essas escritas não se fecham em si, lançam indagações merecendo um olhar mais aguçado, além do que desenvolvemos nesta pesquisa, para que outras questões possam ser ampliadas, entrecruzando outras fontes e falas, para tecemos outras narrativas.

Por fim, mais de um século da publicação da obra de Lima Barreto sobre a loucura, ainda existem discussões em torno do tratamento da mesma, embora que contando hoje com inovações que proporcionam o aparecimento de “reforma psiquiátricas, como o respeito à individualidade do doente, aos direitos humanos e tendo o diálogo como base do tratamento” (Dias, 2009, p. 34). A meta é cuidar dos pacientes de forma diferenciada, observando as peculiaridades de cada doença. Desse modo, há os que condenam a internação, alegando que as práticas anteriores à reforma psiquiátrica geram exclusão social. Esses defendem um tratamento que consideram a cidadania e a liberdade um meio de estabelecer o equilíbrio do indivíduo e integrá-lo ao convívio da família e da comunidade.

Referências

Albuquerque Júnior, D. M. de. (2012b) *Os significados das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas*. In: Avelar, Alexandre; Schmidt, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz.

Barbosa, F. de A. (2002) *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. (8a ed.), Rio de Janeiro: José Olympio.

Barreto, L. (1956) *Cemitério dos Vivos*. Romance. São Paulo: Brasiliense.

Blanchot, M. (2005) O diário íntimo e a narrativa. *O Livro por vir*. Trad. Leyla Perrone. São Paulo: Martinhs Fontes.

Botelo, D. (1996) “*A pátria que quisera ter era um mito*”: uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto. Campinas, São Paulo. Dissertação (mestrado) UEC, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Brito, F. S. L. (2009) *Michel Foucault e suas trajetórias pela História da loucura*. Trabalho

apresentado no I Seminário Nacional de Fontes Documentais e pesquisa histórica: Diálogos Interdisciplinares. UFCG: Campina Grande, PB, de 01 a 04 de dezembro.

Candido, A. (1987) *Os olhos, a boca e o espelho*. In: A educação pela noite e outro ensaios. São Paulo: Ática, 1987, 39-50.

Carvalho, J. M. de (1999). *Os bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. (3a ed.) São Paulo: Companhia das Letras.

Chartier, R. (2002) *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS.

Chartier, R. (1990) *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel. (Col. Memória e Sociedade).

Dias, M. (2009) *Loucura não é crime*. Carta capital, São Paulo, 15(550), 34-36.

Elias, N. (1994) *O processo civilizador: uma história dos costumes*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Zahar, 1.

Foucault, M. (2005) *História da loucura na idade clássica*. (8a ed.), Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva.

Foucault, M. (1984) *Doença Mental e Psicologia*. Biblioteca tempo Universitário – II: Coleção dirigida por Eduardo Portella. Tempos brasileiros. Rio de Janeiro.

Foucault, M. (2006) *O Poder Psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (1987) *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe, Petrópolis, Vozes.

Freitas, S. M. de. (2006) *História Oral: possibilidades e procedimentos*. (2a ed.), São Paulo; Associação Editora Humanitas.

Freud, S. (1954) *El Moisés de Miguel Angel* (1914). In: *Psicoanálisis aplicado: ensayo sobre la aplicación del psicoanálisis a la literatura, el arte, la religión, la mitología, la guerra y la paz*. Trad. Ludovico Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda. (Obras completas, v. 23).

Ginzburg, C. (1989) *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.

Gomes, A. de C. (2004) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro; FGV.

Hobsbawm, E. J. (1997) *A era dos impérios: 1875-1914*. (3a ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hobsbawm, E. J. (1997) *A era do capital: 1848-1875*. (5a ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Linhares, A. R. F. (2006) *Memórias Inventadas: Figuração do sujeito na escrita autobiográfica de Manuel Barros*. Fundação UFRG. Programa de pós-graduação em Letras (Mestrado em História da Literatura). Rio Grande, RS.

Machado, R. (2000) *Arqueologia, filosofia e literatura*. In: Castelo Branco, Guilherme; Portocarrero, Vera (orgs.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau.

Ribeiro, D. (1995) *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. (2a ed.) São Paulo: Companhia das Letras.

Rocha, F. (2008) *Cemitério dos Vivos de Lima Barreto: entre o documento biográfico e a elaboração*. XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tessituras, interações, convergências. USP – São Paulo, Brasil. De 13 a 17 de julho.

Porcentagem de contribuição de cada autora no manuscrito

Ajanayr Michelly Sobral Santana – 40%

Francisca Kelly Gomes Cristovam – 20%

Dina Mara Pinheiro Dantas – 10%

Ivone Agra Brandão – 10%

Maria Jucineide Araújo – 10%

Simone Zeferino Pê – 10%